

## OFICINAS TERAPÊUTICAS INTERDISCIPLINARES EM UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA NECESSIDADE À APLICAÇÃO

### **Sara Silva de Brito**

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Eliana Borges Silva Pereira**

Universidade Federal de Uberlândia, Hospital de Clínicas de Uberlândia  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Júlia de Melo Silva**

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Lorraine Suzan Soares Resende**

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Carolina Pio Gomes Faria**

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Tamara de Cássia Neves Pereira Baracho**

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina  
Uberlândia - Minas Gerais

### **Lucas Martins Oliveira**

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina  
Uberlândia - Minas Gerais

criticamente a importância e as dificuldades do projeto “Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares”, desenvolvido em uma Unidade de Internação em Saúde Mental de um Hospital Universitário brasileiro por meio de uma Extensão Universitária que reuniu alunos de doze cursos de graduação em prol de atividades interdisciplinares com os pacientes em internação psiquiátrica durante o período de quinze meses. Métodos: O Projeto foi organizado em etapas de execução para reconhecimento e integração dos discentes ao serviço; organização e planejamento das oficinas para, em seguida, realizar atividades com temas de Artes, Música, Expressão Corporal, Letras, Recreação e Teatro junto aos pacientes em internação na Unidade. Resultados: a Unidade, que não dispunha de atividades organizadas periodicamente para suprir a necessidade de práticas terapêuticas, passou a contar com cronograma semanal fixo que intencionou consolidar a clínica ampliada e a atenção integral aos pacientes, realizando 123 oficinas ao longo de 15 meses. Discussão: O espaço ofertado pelas oficinas permite a manifestação de si através das produções pessoais e pode contribuir para transformação na vida do paciente, visto que possibilita a percepção como ser humano maior que seu adoecimento, bem como para além da manifestação de sintomas, podendo descobrir e redescobrir potencialidades. Considerações

**RESUMO:** Objetivo: Relatar e analisar

finalis: As oficinas são estratégias de cuidado integral e construção de um ambiente terapêutico saudável, essenciais na efetivação da atenção psicossocial nos espaços de internação hospitalar em saúde mental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde Mental; Terapia pela Arte; Práticas Interdisciplinares.

**ABSTRACT:** Objectives: to report and critically analyze the importance and the difficulties of the project “Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares”, developed in a Mental Health Hospitalization Unit of a University Hospital through a University Extension that brings together students from twelve graduation courses to promote interdisciplinary activities with the inpatients of the Unit during a fifteen-month period. Methods: the Project was organized in stages of execution for recognition and integration of the students to the service; organization and planning of the workshops to then carry out Arts, Music, Body Expression, Letters, Recreation and Theater activities together with the patients in the Unit. Results: the Unit, which did not have periodically organized activities in group for therapeutic practices, started to have a fixed weekly schedule that intended to consolidate the expanded clinic and the integral care to the patients, performing 123 workshops over 15 months. Discussion: The space offered by the workshops allows the manifestation of self through personal productions and can contribute to the transformation in the patient’s life, since it allows the perception as a human being greater than his illness, as well as beyond the manifestation of symptoms, being able to discover and rediscover potentialities. Final Conclusions: The workshops are strategies of integral care and construction of a healthy therapeutic environment, essential in the accomplishment of the psychosocial attention in spaces of hospitalization in mental health.

**KEYWORDS:** Mental Health; Art Therapy; Interdisciplinary Placement.

## 1 | INTRODUÇÃO

Desde o advento da Reforma Psiquiátrica Brasileira, no final da década de 70, ações e intervenções vêm consolidando a produção de uma clínica ampliada em saúde mental, tendo como ênfase a desinstitucionalização e a consequente desconstrução de manicômios e paradigmas que o sustentam (SCHNEIDER, 2009). Por conseguinte, os serviços de atendimento em saúde mental vêm sendo reformulados para concretizar a reconstrução da assistência psiquiátrica, o que demanda uma rede de atenção em saúde mental preparada para oferecer cuidado integral aos sujeitos em sofrimento psíquico, bem como promover a reabilitação psicossocial e a inclusão social, além de favorecer o exercício da cidadania e o fortalecimento do vínculo familiar (GUEDES et al, 2010), configurando-se como um modelo de cuidado psicossocial.

Para tanto, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) é composta por Centros de Atenção Psicossociais (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), Centros de Convivência e Cultura, Unidades de Acolhimento (UA), Ambulatórios Multiprofissionais em Saúde Mental, Enfermarias Especializadas em Hospital Geral, Hospital-Dia e

serviços de atendimento a urgências e emergências (BRASIL, 2013).

Dentre esses aparatos, a Lei da Reforma Psiquiátrica 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental, ressalta no seu artigo 4º que o tratamento em regime de internação deverá ser estruturado de forma a oferecer assistência integral à pessoa portadora de transtornos mentais, incluindo serviços médicos, de assistência social, psicológicos, ocupacionais, de lazer, e outros (BRASIL, 2001).

Diante deste cenário, as oficinas terapêuticas compõem um dos dispositivos da Política Nacional de Saúde Mental que busca sensibilizar e efetivar o cuidado integral proposto pela Reforma Psiquiátrica (BRASIL, 2004). Além disso, reafirmam o modelo psicossocial em saúde mental ao tentar transformar a forma como a família, as equipes de saúde e a sociedade enxergam o sujeito com transtorno mental, colaborando com o processo de torná-los coparticipantes da reintegração social desse sujeito.

As oficinas terapêuticas, como instrumento de promoção da dignidade humana, reabilitação psicossocial e assistência integral, materializam preceitos da Reforma Psiquiátrica ao relançar o sujeito com transtornos mentais à posição de detentor de direitos e desejos, ativo diante da História e da Cultura. Nesse sentido, entende-se que as oficinas terapêuticas funcionam como espaços de produção e manejo de subjetividade, de reconstrução de vínculos entre os sujeitos em sofrimento mental e seus grupos sociais, bem como de realização do exercício da cidadania ao interagir e dialogar com outras pessoas fortalecendo aspectos do processo de reabilitação dos sujeitos (IBIAPINA, 2017).

As atividades de uma oficina terapêutica são propostas em prol da ressocialização e reintegração do paciente ao conectá-lo a uma rede comum de significados cotidianos compartilhados socialmente (GUERRA, 2000). Essa ferramenta se caracteriza por uma organização sistemática de atividades diversas que podem ter como objetivo o resgate da subjetividade do sujeito, a produção de conhecimento técnico, processo catártico como meio terapêutico, socialização, desmontagem do cotidiano hospitalar ao romper com rotinas institucionais, construção de canais de troca por meio de linguagens não verbais, estímulo à criatividade e intervenções culturais (DOMINGUES; PARAVIDINI, 2009).

Nas oficinas os sujeitos são convidados a refletir sobre temas pertinentes à vivência humana, construir relações sociais e expressar sua individualidade, por vezes ofuscada pelas normas da instituição ou pelo modelo biomédico de cuidado, que enxerga o sujeito nos limites de sua doença. Assim, é necessário promover ações de inserção do sujeito em atividades artísticas e artesanais, ou dar-lhe acesso aos meios de comunicação, focando no sujeito como indivíduo concreto e resgatando sua subjetividade para além de sua enfermidade.

Diante do exposto, o objetivo desse artigo é relatar a experiência dos autores na implementação e condução das oficinas terapêuticas interdisciplinares em uma

Unidade de Internação em Saúde Mental de um hospital universitário brasileiro e problematizar a necessidade e as dificuldades e implicações no contexto de internação hospitalar da Rede de Atenção Psicossocial.

## 2 | MÉTODOS

Esse trabalho trata-se da análise crítica da implementação e condução do Projeto Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares em uma Unidade de Internação em Saúde Mental de um hospital universitário brasileiro, no período de setembro de 2017 a novembro de 2018, enquanto projeto de Extensão Universitária de caráter interinstitucional.

Trinta discentes de 12 cursos de graduação distintos (Artes Visuais, Dança, Enfermagem, Fisioterapia, História, Medicina, Música, Letras, Pedagogia, Psicologia, Sociologia e Teatro) da Universidade Federal de Uberlândia foram selecionados para condução das oficinas. A seleção se deu por meio de processo seletivo à distância, de análise documental e carta de interesse.

O desenvolvimento do projeto dividiu-se em dois momentos, sendo o primeiro destinado ao reconhecimento e integração dos discentes ao serviço; organização e planejamento das oficinas, contemplando os interesses apreendidos durante os encontros; e confecção do cronograma de atividades. O segundo momento consistiu na realização das oficinas sob a supervisão da coordenadora responsável.

Os discentes selecionados se organizaram para que as ações fossem concebidas a partir das competências de cada um. Além disso, os mesmos foram desafiados a revisar suas bases teóricas, práticas e ideológicas de forma a integrá-las ao projeto com a finalidade de se tornarem monitores das oficinas. Além disso, os discentes receberam capacitações teórico-práticas presenciais nas áreas de Saúde Mental e Oficinas Terapêuticas, à luz da política de saúde mental brasileira e aos preceitos básicos das oficinas enquanto atividade terapêutica.

Para a execução das oficinas junto aos pacientes foi construído um cronograma semanal fixo de rodízio entre as diferentes oficinas, cada qual com um eixo temático e teórico: Artes Visuais, Expressão Corporal, Letras, Música, Recreação e Teatro. A comunicação constante por meios de redes virtuais foi estabelecida para discutir o andamento do projeto, expor dificuldades e propor soluções, objetivando-se a construção conjunta e a liderança partilhada durante todo o processo de planejamento, execução e avaliação do projeto.

## 3 | RESULTADOS

O Projeto Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares foi implementado na Unidade

de Internação em Saúde Mental do Hospital de Clínicas de Uberlândia em setembro de 2017, perdurando até novembro de 2018.

A Unidade, que não dispunha de atividades organizadas periodicamente para suprir a necessidade de oficinas terapêuticas, passou a contar com cronograma semanal fixo que intencionou consolidar a clínica ampliada e a atenção integral aos pacientes. A rotina rígida do setor, característica de instituições totais e carregadas de aspectos despersonalizantes do sujeito, passou a ser mais flexível, pois os pacientes passaram a contar com a oportunidade de escolher participar ou não de determinada oficina, haja vista a ampla gama de atividades ofertadas pelo projeto.

Durante o período de 15 meses de projeto, foram realizadas 123 oficinas, com presença média de oito pacientes em cada oficina e tempo médio de duração de duas horas cada. Os seis eixos temáticos das oficinas (Artes Visuais, Expressão Corporal, Letras, Música, Recreação e Teatro) adotaram diversos recursos didáticos e materiais segundo o critério de adequação ao conteúdo a ser trabalhado na oficina. Além disso, através de uma campanha de arrecadação de livros e revistas, foi inaugurada uma biblioteca na Unidade de Internação promovendo o acesso irrestrito a recursos literários de diversos gêneros pelos pacientes internados.

Os familiares e amigos, que figuravam como acompanhantes dos pacientes, ao participar ou assistir às oficinas, por vezes, deleitavam-se com os momentos de lucidez, felicidade e animação de seus queridos, potencializados pelo resgate da individualidade do sujeito, pela possibilidade do lugar de fala ou mesmo pelo acesso a meios culturais e de entretenimento não vistos há tempos pelos pacientes. Os profissionais da Unidade, por outro lado, mostraram-se resistentes em participar das oficinas, preferindo dispor-se à margem das intervenções. Contudo, com o tempo, passaram a compreender melhor o objetivo das oficinas e, atualmente, mostram-se mais abertos a colaborar com as intervenções, por exemplo, ao facilitar o acesso dos pacientes às oficinas, avisando-os dos dias e horários em que ocorrerão.

No intuito de alcançar a comunidade, em especial a acadêmica, foi criada uma página em rede social para divulgação das ações do projeto e de informações sobre as pautas Saúde Mental e Arte. Ainda com o objetivo de alcançar a comunidade externa à Unidade, foram realizadas duas exposições de pinturas e desenhos da Oficina de Artes no Hospital de Clínicas de Uberlândia e no Centro de Convivência da Universidade Federal de Uberlândia, a fim atrair visibilidade para o trabalho desenvolvido e romper com o estigma de incapacidade e despersonalização atribuída às pessoas com transtornos mentais pela sociedade em geral.

#### **4 | DISCUSSÃO**

As oficinas terapêuticas podem contribuir para que o sujeito com transtorno mental seja percebido, compreendido e cuidado de modo íntegro e humanizado. Sobretudo,

as oficinas têm como potencial máximo exercer a humanização do cuidado psiquiátrico e respeito à convivência com a diferença (GUERRA, 2000), que são essenciais no estímulo à autonomia dos pacientes, capacitando-os a lidar com a realidade de seu contexto social e psíquico de forma ativa. Assim, ao proporcionar o exercício rotineiro da vontade e da autonomia, as oficinas contribuíram com o resgate da singularidade de cada um, na sua percepção pessoal, de seus familiares e da equipe de saúde da unidade.

O projeto transformou a relação entre saúde e doença ao focar no paciente como sujeito concreto e resgatar sua subjetividade para além dos valores de sua enfermidade. Assim, as oficinas se concretizaram como espaço de libertação, desconstrução da alienação da pessoa com transtornos mentais. Os discentesicineiros trabalharam de maneira a ressaltar a expressão da subjetividade e singularidade dos pacientes através de atividades artísticas, dando-lhes a oportunidade de simbolizar sua história de vida e compartilhá-la nos grupos das oficinas.

Além disso, a gestão interdisciplinar e multiprofissional das oficinas compôs a clínica ampliada voltada para a promoção da reconquista da cidadania através da aquisição de habilidades diversas e de produção de cultura. A composição das oficinas por integrantes de cursos distintos e com competências em comum possibilitou promover o crescimento acadêmico através de um trabalho interdisciplinar e multiprofissional da equipe, os quais, somados à oportunidade de inserção na rede de saúde mental, ofereceram um ambiente de vasta aprendizagem aos integrantes e possibilidades aos pacientes atendidos.

Por regra, faz parte de um serviço antimanicomial o método de escuta sistemática e a garantia de valor à palavra da pessoa com transtornos mentais. As oficinas buscaram romper com o modelo biomédico focado apenas na doença, pautando-se na autonomia e na expressão da cidadania com a intenção de contemplar a integralidade do cuidado (PIRES; XIMENES; NEPOMUCENO, 2013). Para isso, foram criados cenários com um leque de possibilidades, os quais permitiram aos pacientes escolherem como se tornariam coautores do seu próprio cuidado. O estabelecimento de vínculos, a expressão de sentimentos e a construção de corresponsabilidade transformam as oficinas em locais de acolhimento e de enfrentamento coletivo de problemas com uma perspectiva de clínica ampliada (BRASIL, 2004). A terapêutica presente nas oficinas pode ser considerada a partir do momento em que permite um espaço de fala e expressão à pessoa em sofrimento psíquico, sendo imprescindível para que sua integralidade como sujeito seja assegurada (LAPPANN-BOTTI et al, 2004).

Não foi colocado como objetivo final a construção artística como estética, mas sim como catarse, não cabendo aos monitores a interferência no processo produtivo dos pacientes. A comunicação, expressão e relação do paciente com o mundo e com aqueles que o cercam foram, afinal, o objetivo das oficinas.

Entende-se que é essencial que as oficinas terapêuticas articulem com o espaço

social, direcionando suas atividades e vivências para fora da instituição, visto que são dispositivos que devem viabilizar a desinstitucionalização. Vale lembrar, que não se trata apenas de trazer o que está lá fora para dentro, mas também de sair da instituição para o espaço público (FARIAS et al, 2016). Tal pressuposto estimulou o grupo a criar canais de divulgação em redes sociais e exposições no intuito de trazer novos protagonistas para a pauta da saúde como instrumento de promoção da dignidade.

O espaço ofertado pelas oficinas para manifestação de si através das produções pessoais pode contribuir para transformação na vida do paciente, visto que quando possibilita se perceber como ser humano maior que seu adoecimento, bem como além da manifestação de sintomas, pode descobrir e redescobrir suas potencialidades (FARIAS et al, 2016). O ato criativo e a viabilização da criatividade são vistos como sinônimos de saúde, destacando-se a importância de construir a valorização dos aspectos saudáveis que envolvem o indivíduo, de modo a desviar o foco do transtorno mental, centralizando o olhar nas potencialidades do sujeito (FARIAS et al, 2016).

Contudo, alguns aspectos próprios do ambiente hospitalar são anti-terapêuticos quando se almeja a reintegração psicossocial do paciente. A clausura da internação, a medicalização excessiva e seus efeitos colaterais, que deixam o paciente indisposto ou excessivamente sonolento, além da dificuldade institucional que se impõe no escasso recurso financeiro e o pouco preparo técnico da equipe multiprofissional para a realização de atividades, como as oficinas terapêuticas, denota a necessidade de estabelecer formas estratégicas de financiar os serviços, com vistas a ações que visem sua expansão, consolidação e fortalecimento (BRASIL, 2004).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise de experiência, verificou-se que as oficinas terapêuticas possibilitam articular e consolidar a política da Reforma Psiquiátrica. As oficinas proporcionam construir canais de troca ao promover o uso de diversas linguagens (verbais, escritas, visuais, abstratas e subjetivas); criar espaços que concedam ao paciente seu direito de criar, interagir, opinar e se relacionar com autonomia; estimular a expressão do “eu”, projetando-se no passado, presente e futuro; estimular a discussão, com os pacientes, acerca da Reforma Psiquiátrica e da experiência da internação no setor; analisar o processo expressivo dos pacientes no decorrer da oficina para um fim material simbólico: a arte produzida durante a atividade.

Entende-se que para que a Lei 10.216/2001 se materialize é preciso considerar que as formas de opressão e de exclusão contra as quais se luta não podem ser abolidas com a mera concessão de direitos, mas exigem uma reconversão global dos processos de atendimento ao paciente (SANTOS; 2001). Por conseguinte, é preciso cumprir as políticas públicas através de sua implantação prática, com o devido cuidado em sistematizar um programa de atenção à saúde integral e efetivo. Portanto, não se trata de estabelecer um “ocupacionismo” que contribua para certo

nível de tranquilidade ao ambiente hospitalar, como as atividades terapêuticas são frequentemente concebidas.

Além disso, as oficinas adquirem caráter político ao fazer investimentos, relançar o sujeito à sua posição desejante e de direitos. Produzir o reconhecimento de si é mais importante do que produzir conhecimentos. Para tanto, é preciso construção conjunta de uma equipe multiprofissional que seja capaz de sobrepor o objetivo em comum de consolidação da Reforma Psiquiátrica às divergências academicistas. Deve-se construir redes à prova de curto-circuitos que sejam potentes na promoção da tão sonhada reabilitação psicossocial. A empatia, o vínculo, a transferência, a identificação ou qualquer relação de sociabilidade pretendida deve ser o objetivo para o trabalho em saúde mental.

É preciso ainda que esse postulado legal de promoção da reabilitação psicossocial seja tomado como limite mínimo a ser alcançado e não limite máximo como tem sido. Para tanto, é preciso propor constante reflexão dos aparatos jurídicos e das práticas dos serviços de saúde para que não se corra o risco de prender-se em uma nova institucionalização que, apesar de mais simpática do que o modelo manicomial asilar, pode criar novos entraves terapêuticos.

Espera-se que este relato possa contribuir para uma reflexão da equipe multidisciplinar quanto ao verdadeiro significado das oficinas terapêuticas e sua intervenção na subjetividade dos pacientes atendidos nos espaços de internação hospitalar, com o propósito de oferecer um cuidado integral em um ambiente terapêutico saudável. Assim, a implantação das oficinas nesses espaços favorecem a desconstrução o discurso de “incapacidade e despersonalização do louco” que sustenta sua alienação da vida em comunidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conheça a RAPS: Rede de atenção psicossocial. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas.** Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, seção 1. Brasília, 2001.

DA CRUZ GUEDES, Ariane et al. **A mudança nas práticas em saúde mental e a desinstitucionalização: uma revisão integrativa.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 12, n. 3, p. 547-53, 2010.

DOMINGUES, Margarete Aparecida; PARAVIDINI, João Luiz. **A construção de ofícios terapêuticos em saúde mental.** Mental, v. 7, n. 13, p. x-x, 2009.

FARIAS, Izamir Duarte de et al. **Oficina terapêutica como expressão da subjetividade. SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas,** v. 12, n. 3, p. 147-153, 2016.

GUERRA, Andréa Máris Campos. **Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática.** Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania, p. 23-58, Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, Saionara; GUAZZELLI, Carolina Torres. **Oficinas terapêuticas: formas de cuidado em saúde mental na atenção básica.** Itajaí: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, 2016.

IBIAPINA, Aline Raquel de Sousa et al. **Oficinas Terapêuticas e as mudanças sociais em portadores de transtorno mental.** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, e20160375, 2017.

LAPPANN-BOTTI, Nadja Cristiane; LABATE, Renata Curi. **Oficinas em Saúde Mental: A Representação dos usuários dos serviços de Saúde Mental.** Revista Texto Contexto Enfermagem. Belo Horizonte, v13. n4. 519-526, outubro a dezembro, 2004.

RODRIGUES PIRES, Ronaldo; MORAIS XIMENES, Verônica; BARBOSA NEPOMUCENO, Bárbara. **Práticas de cuidado em saúde mental no Brasil: análise a partir do conceito de cidadania.** Avances en Psicología Latinoamericana, v. 31, n. 3, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice-o social e o político na pós-modernidade.** Leya, 2013.

SCHNEIDER, Alessandra Ritzel dos Santos. **A rede de atenção em saúde mental: a importância da interação entre a atenção primária e os serviços de saúde mental.** Revista Ciência & Saúde, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 78-84, jul./dez. 2009.